

**Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)**

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano



Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-514-3 DOI 10.22533/at.ed.143190607 1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar os reflexos desta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 18 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidades de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

ESTADO E DEMOCRACIA

CAPÍTULO 1 1

A BURGUESIA BRASILEIRA NA CRISE POLÍTICA DO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: UM BALANÇO DA LITERATURA

[Felipe Queiroz](#)

DOI 10.22533/at.ed.1431906071

CAPÍTULO 2 18

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: QUAIS SENTIDOS DA “NAÇÃO” A CELEBRAR?

[Alexandre Fernandes Corrêa](#)

DOI 10.22533/at.ed.1431906072

CAPÍTULO 3 31

CONSELHOS GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS: INSTRUMENTOS DE DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E CONTROLE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE CURITIBA

[Fabiana Marissa Etzel Barddal](#)

[Ricardo Lobato Torres](#)

DOI 10.22533/at.ed.1431906073

CAPÍTULO 4 40

PARTICIPAÇÃO SOCIAL: AS CONTRADIÇÕES EM MEIO A CONJUNTURA ATUAL

[Eliane Fátima Voitena](#)

[Maysa Nuernberg de V. Costa](#)

[Juliana Yuri Kawanishi](#)

[Talyssa Aparecida Stremel Vieira](#)

DOI 10.22533/at.ed.1431906074

GÊNERO: DESIGUALDADE E VIOLÊNCIA

CAPÍTULO 5 47

A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

[Maysa N. de Vasconcellos Costa](#)

[Talyssa Aparecida Stremel Vieira](#)

[Juliana Yuri Kawanishi](#)

DOI 10.22533/at.ed.1431906075

CAPÍTULO 6 57

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA BRASILEIRA

[Natália Schettine Marques](#)

[Milena Cirqueira Temer](#)

[Fernanda Franklin Seixas](#)

[Andréia Almeida Mendes](#)

[Lídia Maria Nazaré Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.1431906076

CAPÍTULO 7	67
FAMÍLIAS MONOPARENTAIS E A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA	
Virginia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1431906077	
CAPÍTULO 8	75
HOMOFOBIA: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO IF BAIANO – CAMPUS ITAPETINGA	
Cátia Brito dos Santos Nunes	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1431906078	
CAPÍTULO 9	82
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MUNICÍPIO DE PORTO SEGURO – BA	
Péricles Sena dos Santos Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.1431906079	
IDENTIDADE E CULTURA	
CAPÍTULO 10	91
BALATA, PARAFUSO, ENSINO E INVESTIMENTO: O TRABALHO NO ACERVO AUDIOVISUAL DO INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO	
Rafael Fermino Beverari	
DOI 10.22533/at.ed.14319060710	
CAPÍTULO 11	105
DIÁLOGOS: BRASIL, ÁFRICA E O DESAFIO DE SANTCHO: O MACAQUINHO	
Patrícia Aparecida Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Leonardo Gomes de Souza	
Paulo César Risso de Souza	
Janilson Carvalho de Alvarenga Mendes	
Ivete Monteiro de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.14319060711	
CAPÍTULO 12	116
DIREITO À CULTURA NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE O NEOLIBERALISMO CULTURAL	
Bárbara Cristina Kruse	
Leonel Brizolla Monastirsky	
DOI 10.22533/at.ed.14319060712	
CAPÍTULO 13	125
IDENTIDADE E LUGAR: IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DE EQUIPAMENTO COMUNITÁRIO DE GRANDE PORTE EM ÁREA HISTÓRICA NA CIDADE DE BAURU-SP	
Lucas do Nascimento Souza	
Tatiana Ribeiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.14319060713	

CAPÍTULO 14 138

O SUSTO E A ORDEM: O BARROCO COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DO BRASIL

[Wallace Faustino da Rocha Rodrigues](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060714

CAPÍTULO 15 155

TERRITÓRIO DA CIDADANIA DO JALAPÃO: RESGATE HISTÓRICO E DESAFIOS

[Maria Antônia Valadares de Souza](#)

[Heber Rogério Grácio](#)

[Airton Cardoso Cançado](#)

[Nayara Silva dos Santos](#)

[Gislâne Barbosa](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060715

CAPÍTULO 16 167

IMAGEM E PODER: A FABRICAÇÃO DE LUÍS XIV E D. PEDRO II

[Cristiane Aparecida Rodrigues](#)

[Mariana Luana Martins](#)

[Lidiane Hott de Fúcio Borges](#)

[Amanda Dutra Hot](#)

[Germano Moreira Campos](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060716

CAPÍTULO 17 180

AVALIAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM ARTEFATOS CERÂMICOS ENCONTRADOS EM SANTARÉM: ÁREAS 4A E 4B DO SÍTIO PORTO

[Hudson Romário Melo de Jesus](#)

[Lilian Rebellato](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060717

CAPÍTULO 18 193

A QUESTÃO URBANA DERIVADA DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS EM ARMANDO AUGUSTO DE GODOY: A CIDADE DESEJADA SOBRE A CIDADE QUE SE TEM

[Celina Fernandes Almeida Manso](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060718

CAPÍTULO 19 207

PORQUE O ESPÍRITO NÃO TEM FORMA, MUITO MENOS COR: O PRECONCEITO RACIAL E A PRESENÇA DE NÃO-NEGROS NA UMBANDA

[Mariana Datria Schulze](#)

[Andrieli do Canto Nunes](#)

[Denise Vieira Taborda](#)

[Isabela Holz](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060719

PERSPECTIVAS TEÓRICAS E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

CAPÍTULO 20 218

PROPOSTA ARQUITETÔNICA PARA UM CENTRO DE DANÇA MUNICIPAL EM PALMAS-TO

[Laryssa Aguiar Melo](#)

DOI 10.22533/at.ed.14319060720

CAPÍTULO 21	232
PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO: GERENCIAR PARA POSSIBILITAR O ACESSO	
Luana de Almeida Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.14319060721	
CAPÍTULO 22	244
AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÕES CIENTOMÉTRICAS A PARTIR DA WEB DE DADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
Sandro Rautenberg	
Paulo Ricardo Vивиurka do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.14319060722	
CAPÍTULO 23	261
O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB: O ESTADO DA ARTE DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADOS À ÁREA DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL	
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
Lucicleide Cândido dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.14319060723	
CAPÍTULO 24	279
REFLETINDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS IMAGENS DE THÉODORE DE BRY E O TEXTO ESCRITO NA OBRA “DUAS VIAGENS AO BRASIL” DE HANS STADEN	
Wallace Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.14319060724	
CAPÍTULO 25	288
UM RECORTE SOBRE O CONCEITO DE CONHECIMENTO: UMA PROPOSTA DE PERPETUAÇÃO DOS ATIVOS INTANGÍVEIS DAS ORGANIZAÇÕES	
José Carlos de Souza	
Rosane Aparecida Moreira	
Roque Kleiber Silva Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.14319060725	
CAPÍTULO 26	296
A MORTE NA FILOSOFIA DE E.M CIORAN: CAMINHOS PARA O NIILISMO	
Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu	
Luédlley Raynner de Souza Lira	
DOI 10.22533/at.ed.14319060726	
CAPÍTULO 27	305
BIBLIOTECÁRIOS DAS FORÇAS ARMADAS: PERFIS E CONCEPÇÕES	
Márcio da Silva Finamor	
DOI 10.22533/at.ed.14319060727	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	321
ÍNDICE REMISSIVO	322

DIÁLOGOS: BRASIL, ÁFRICA E O DESAFIO DE SANTCHO: O MACAQUINHO

Patrícia Aparecida Souza

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
Carangola - MG

Lídia Maria Nazaré Alves

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
Carangola - MG

Leonardo Gomes de Souza

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
Carangola - MG

Paulo César Risso de Souza

Centro Universitário Fluminense, UNIFLU
Rio de Janeiro - RJ

Janilson Carvalho de Alvarenga Mendes

Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu
(Facig)
Manhuaçu - MG

Ivete Monteiro de Azevedo

Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)
Carangola - MG

enredar o leitor no histórico de opressão à cultura negra, busca-se moldar o contexto interpretativo do texto a ser investigado, a fim de resultar na aceitabilidade do leitor à obra. Posteriormente, adentramos a análise textual de “O desafio de Santcho: o macaquinho”, no prelo, de Aparecida Gomes de Oliveira e Lídia Maria Nazaré Alves, e ilustração de Thiago Assis, mostrando que o referido mimetiza aspectos da cultura africana, mais especificamente guineense, resultando em uma analogia entre identidade africana, texto e intencionalidade das autoras, na construção do sentido da narrativa. Sua tessitura foi possível a partir de entrevista com três alunos da Guiné Bissau que fazem intercâmbio no Brasil, na FACIG, de Manhuaçu. Objetiva-se com o presente artigo uma consciência cultural acerca das tradições e preceitos de um povo que foi não apenas dominado, mas teve sua história dirimida pelo complexo de superioridade de uma nação branca. O artigo filia-se ao Projeto de extensão em desenvolvimento na UEMG – Unidade de Carangola, 2018, Produção/divulgação de estudos poéticos de e sobre negros, financiado pelo PAEx.

PALAVRAS-CHAVE: Africanidade; Cultura; Eurocentrismo; Fábula; Tradição.

RESUMO: O presente trabalho introduz o leitor no universo cultural africano, com suas tradições primigênicas, expõe sobre o processo de colonização europeia e suas consequências, que subjogou tradições pré-existentes, forjando nova cultura ideologicamente eurocêntrica. Ao

ABSTRACT: The present work introduces the reader into the African cultural universe, with its primitive traditions, exposes on the process of European colonization and its consequences, that subjugated pre-existing traditions, forging a new ideologically Eurocentric culture. By engaging the reader in the history of black culture oppression, the aim is to shape the interpretive context of the text to be investigated, in order to result in the reader being accepted for the work. Subsequently, we enter the textual analysis of “The challenge of Santcho Fula: the monkey”, by Aparecida Gomes de Oliveira and Lídia Maria Nazaré Alves with illustration by Thiago Assis, showing that the aforementioned mimetizes aspects of African culture, more specifically Guinean, resulting in an analogy between African identity, text and intentionality of the authors, in the construction of the meaning of the narrative. Its background was made possible by an interview with three students from Guinea Bissau who are exchanging in Brazil, at UNIFACIG, Manhauçu. The present article aims at a cultural awareness of the traditions and precepts of a people that has not only been dominated but has had its history tempered by the superiority complex of a white nation. The article joins the Extension Project developed at UEMG - Carangola CAMPUS, 2018, Production / dissemination of poetic studies of and about blacks, funded by PAEx.

KEYWORDS: Africanity; Culture; Eurocentrism; Fable; Tradition.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário Aurélio (s/d), o vocábulo cultura pode ser definido como “conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade.” A definição é muito clara e muito útil para estudarmos culturas mais visibilizadas e legitimadas por diferentes discursos homogeneizadores. Todavia existem culturas que há bem poucas décadas vêm despertando o interesse dos pesquisadores. Em casos assim, pode ser que a definição supracitada deixe escapar alguma coisa que, até então, não era entendida como cultura. Cuche (1999) apresenta uma noção mais completa para a leitura que temos em mente, haja vista seu caráter pouco eurocêntrico. Para o referido a noção de cultura é “inerente” à reflexão das Ciências Sociais. Por tal noção, continua, faz-se “pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos.” Ele acredita que esta noção de cultura “parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas.” (CF. CUCHE, 1999, p.9). Vê-se que a noção de cultura do Cuche é mais completa, e ao falar da diferença entre os povos teremos a base para prosseguir a escrita do presente artigo, no qual abordaremos a questão da despersonalização da cultura africana, advinda da fragmentação de sua identidade, causada pelo processo de colonização da Europa. Inicialmente, introduzir-se-á o leitor no contexto da África

ágrafa, com suas tradições e identidade pura, sem a influência ocidental do pós-colonialismo. Passando pelo pensamento europeu que colocava a transmissão oral do negro como falta de erudição destes. E de como a herança oral se perdeu diante do olhar do branco e do próprio negro que sucumbiu à visão eurocêntrica. Chegando aos efeitos causados pela colonização e seus impactos na herança social. E com essa conjuntura, chegar à acepção do significado que subjaz a obra, no prelo, de Aparecida Gomes Oliveira e Lídia Maria Nazaré Alves, ilustrada por Thiago Assis “O desafio de Santcho: o macaquinho”, que tenta um resgate da literatura incipiente do povo africano, usando do gênero fábula para criar um enredo que envolve o leitor no universo da cultura desta civilização, trazendo uma reconstrução diaspórica, em busca da manutenção da herança oral africana. A análise do texto literário, através de uma leitura polissêmica, busca compreender o que as escritoras tiveram intenção de transmitir nas entrelinhas da narrativa e correlacionar o discurso literário usado com a intencionalidade de busca da identidade e de reivindicação da alteridade Afro.

2 | DESENVOLVIMENTO

“A África não possuía nenhuma história antes da chegada dos europeus. A história começa quando o homem se põe a escrever”, frase, dita pelo professor A. P. Newton, historiador do Império Britânico, em uma conferência na Royal African Society de Londres em 1923.

Ao ler a frase acima, entendemos como o Eurocentrismo negou a cultura africana, ao afirmar que um povo sem escrita é um povo sem cultura. A África pré-colonial, abaladamente ágrafa, mantinha sua cultura através da oralidade. Não havia escrita. Todo e qualquer conhecimento, ensinamento e filosofia de vida, eram repassados oralmente pelos chamados tradicionalistas: “Os grandes depositários da herança oral são os “tradicionalistas”. Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas.” (HAMPATÉ BÂ, 2010. p.187). Estes eram os conhecedores, tinham posse do conhecimento e o repassava aos demais. Na tradição africana a fala é algo sagrado, por esse motivo, a mentira é inaceitável, como se ao proferir uma mentira estivesse ao mesmo tempo negando o criador, já que a palavra é um dom divino dado ao homem e, é através dela, que toda herança ancestral é transmitida. Segundo Hampaté Bâ, “[...] a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas”.

Pouco se ouve sobre Literatura Africana. Poucos são os nomes mundialmente conhecidos por representarem a história da África. E muito disso é devido ao olhar Europeu, que foi enraizado durante a colonização do continente, e a substituição da cultura oral, tipicamente africana, pela escrita.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo

de inferioridade devido ao sepultamento de sua racionalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008. p. 34)

Como explicitado no trecho supracitado, Frantz Fanon revela a dominação do Europeu ao impor o Eurocentrismo ao africano, sonhando a cultura já existente em uma nação em prol da trazida pelo colonizador. Ainda reafirmado em:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... (FANON, 2008. p.33)

Os tradicionalistas foram perseguidos pelos colonizadores, já que como as tradições eram repassadas por eles, tirando os demais de sua influência nada além da cultura do colonizador seria transmitida, sendo o povo, assim, facilmente dominado. Nas tribos, as crianças aprendiam pela educação difusa, em que não só imitavam os adultos, mas aprendiam com os anciãos sobre os mitos, costumes e histórias da aldeia, perpetuando a tradição entre os mais novos, repassando de geração a geração.

[...] a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles. (BÄ. 2010. p.194)

Por vários meios estes conhecimentos eram transmitidos, e a história mantida. Vemos um pouco de como essa cultura/literatura oral era difundida ao analisar o trabalho de Héli Chatelain, linguista e missionário suíço, que resultou no livro “Folk Tales of Angola”, de sua autoria, publicado em edição bilíngue inglês e quimbundo no ano de 1894. Durante seus estudos, Chatelain tipificou a Literatura Africana em 6 categorias, sendo elas assim denominadas:

Mi-soso: Seriam histórias de ficção da tradição angolana, fábulas, contos, histórias que se inclinam para o maravilhoso. Exemplo da Literatura Mi-soso é o livro homônimo de Óscar Ribas, escritor e etnólogo natural de Angola. O trabalho de Ribas corroborou com a continuidade da identidade Africana, pois traz nele contos, fábulas, adivinhas, todas advindas das crenças, dogmas e filosofias do povo do Noroeste Africano;

Maka: Assemelham-se às anedotas, são histórias verdadeiras ou tidas como tal. Usadas tanto para ensinamentos quanto para lazer e diversão;

Malunda ou Misendu: Histórias sobre os feitos da tribo e da nação, transmitidas por líderes ou anciãos entre gerações, eram mantidas em segredo entre as autoridades das tribos;

Ji-sabu: Provérbios que trazem os costumes da tribo e ou da nação;

Mi-imbu: As canções;

Ji-non-gongo: As adivinhas, que eram não só divertimento, mas também estímulo à memória.

Outros estudos e denominações foram dados por outros estudiosos da cultura Africana, porém, no decorrer deste trabalho, nos ateremos às tipificações de Chatelain. Todavia, outro grande nome deve ser lembrado, o de Wole Soyinka, escritor nigeriano ganhador do Nobel de Literatura em 1986. Em sua vinda ao Brasil na Feira do Livro de Porto Alegre em 2016, Soyinka deu a seguinte declaração ao falar sobre o resgate da cultura dos negros: “Parecia que alguém de fora sempre precisava certificar o que estávamos dizendo. Não preciso que um pesquisador europeu me diga o que pensa o babalaô¹ que vive na frente da minha casa. ” Uma de suas obras, que podemos enquadrar como Mi-soso à luz de Héli Chatelain, é o livro “O leão e a Joia”, seu único livro traduzido para o português. Uma fábula contemporânea que conta a história de Baroka, chefe de uma aldeia de Ilujinle que era conhecido como “o Leão”, este, apaixonado por Sidi, a joia da tribo Yorubá, disputa seu amor com Lakunle, um jovem professor carregado da cultura ocidental e a favor da europeização das tradições africanas.

Percebe-se, então, a transfiguração da realidade vivida na “batalha” entre pré-colonização representada por Baroka e pós-colonização vista em Lakunle, que traz a cultura Europeia já enraizada na civilização africana. Mesmo a tradição tendo sido oprimida pela colonização, que impôs sua cultura, religião e costumes, ainda temos autores que insistem na manutenção da identidade dos povos africanos. Soyinka usa da fábula “O leão e a joia” para mostrar os entraves entre o africano e o europeu colonizador. A obra busca não só revitalizar a identidade nacional como denunciar o poder coercitivo usado pelos colonizadores.

Alguns autores que se baseiam na africanidade em seus textos, tentam transmitir a oralidade, que era a base de toda a África ágrafa, através de sua escrita, por mais paradoxal que isso seja, é como levar a palavra por escrito. Ainda existem estudiosos que veem a oralidade como não confiável, que o simples falar passado adiante não confere a veracidade que a escrita traz. Contudo, nas palavras de Amadou Hampâté Bá “Os primeiros arquivos e bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. ”, por conseguinte, toda escrita vem da fala, nem que seja do diálogo do autor consigo, dessa maneira, cai por terra a concepção de que a oralidade não tem valor de verdade no que se concerne a fatos passados.

Muitos escritores ainda lutam pela tradição de um povo, pela continuidade de sua tradição, porém, ao lermos seus textos, devemos não apenas decodificá-los, mas decifrá-los. Ler o que o autor realmente deseja nos passar, mergulhar no contexto ao qual a história se dá e nos desprender de qualquer julgamento, para que a cultura de

1. Babalaô ou Bábáláwo significa "O Pai dos segredos" que tem o poder de saber o passado, o presente e o futuro, segundo a crença africana.

uma nação não se dissolva sob o olhar Europeu. Quando uma obra é arraigada da erudição de um povo, devemos ter os olhos de seu autor, do que ele sente, e qual a mensagem por trás das palavras. No momento em que se trata da questão identitária de uma sociedade, deve-se abster de todo e qualquer julgamento e conceito prévio, para que isso não cause dano à interpretação, assimilação e reflexão sobre o que se lê.

No caso brasileiro, um povo também colonizado, é incontestável que com a chegada do português ao Brasil, e a imposição de seus costumes, adquirimos e repassamos nos mais de 500 anos após o descobrimento, o “olhar europeu”. Vemos não com nossos olhos, mas com a visão do maniqueísmo que nos foi imposta pelo colonizador. É preciso perceber a mensagem que subjaz às meras palavras no papel, deixando de lado o branqueamento cultural trazido junto às Naus de Cabral. E é com esse olhar, o olhar de um país miscigenado, que iremos analisar o Mi-soso intitulado “O desafio do Santcho: o macaquinho”, obra da Professora Doutora Lídia Maria Nazaré Alves e coautoria da Professora Aparecida Gomes Oliveira, incorporando a alma da Guiné na leitura e análise do texto.

2.1 O texto em análise

A obra a seguir será analisada à luz dos autores: Amadou Hampâté Bâ, Maria Aparecida Santilli e Frantz Fanon. Apresentando a necessidade de repensar a história da África e da colonialidade, esta, como forma de continuidade das relações de dominação europeia.

O desafio do Santcho: o macaquinho

Num colorido mato tropical africano, moravam dois animais que viviam disputando sobre quem era o melhor e o mais inteligente. Eram eles: Gigi, a girafa e Leozinho, o leão. A principal vítima de suas provocações era o pequeno macaco Santcho, que morava em um bonito poilão.

Gigi era muito vaidosa e se achava superior aos outros bichos por ser tão alta!

_ Olá, Santcho! Como vai o macaquinho mais feio do mato? Pergunto, porque estou cada vez mais linda!

Santcho nada respondeu. Ele era um macaco pequeno, mas muito sábio e pensava numa maneira de mostrar à girafa que ela não era melhor do que ele.

Neste momento Leozinho apareceu.

_ Oi, Santcho! Como está sua força hoje? Pergunto, porque sou o rei do mato e estou cada dia mais forte. Forte e po-de-ro-so!

De repente, Santcho teve uma ideia:

_ Gigi e Leozinho, quero convidá-los para uma roda de conversas, debaixo do meu poilão.

_ Eu aceito! Responderam ambos de uma só vez.

_ Bem, disse o macaquinho, proponho-lhes em desafio!

Um desafio!?! perguntou Gigi.

_ Eu adoro desafios!_ Disse Leozinho_ sou o rei do mato e nunca perdi um desafio.

_ E você, Gigi, aceita?

_Mas é claro! Vou provar ao Leozinho que sou mais esperta do que ele.

Santcho então explicou:

_ O desafio é muito simples. Vou provar que vocês têm muito a aprender.

_ Duvideodó! _Disse Gigi com ironia.

_Eu, muito mais! Disse Leozinho.

Santcho pegou uma banana e explicou:

_ O desafio é o seguinte: Aquele ou aquela – falou olhando para o alto e para mais alto- que conseguir descascar esta banana será o vencedor e considerado o mais sábio do mato.

_ É moleza! Hahahahaha... Debochou Gigi.

_ Eu vou ser o primeiro!- Antecipou Leozinho.

_Tu-do-bem. _Concordou Santcho.

Leozinho pegou a banana e pensou que seria muito fácil descascá-la. Tentou todas as maneiras, mas não conseguiu. Santcho e Gigi aguardavam em silêncio. Após várias tentativas frustradas, Leozinho desistiu.

_ Santcho, não consigo... _falou abaixando a cabeça.

_ Agora é sua vez, Gigi!

_Tudo bem. _Disse a girafa já um pouco desanimada.

Santcho e Leozinho observavam silenciosos.

Depois de algum tempo, Gigi admitiu que não dava conta de descascar a banana e devolveu-a ao pequeno macaco.

- Agora é a minha vez!

O pequenino Santcho pegou a banana, e, com toda facilidade descascou-a sob os olhares atentos de Leozinho e Gigi. Em seguida concluiu:

_ Só queria lhes mostrar que ninguém sabe tudo, todos têm algo a aprender e a ensinar, pois sim?!.

_ Você tem razão, Santcho. Desculpe-me por tantas vezes tê-lo desprezado. Dou-te minha palavra que não o farei novamente!

_ Eu também preciso me desculpar... _ completou Leozinho.

_ Eu tive uma ideia!_ Pulou o macaquinho de repente, todo entusiasmado_ Que tal abriremos uma escola aqui, no mato!?

_ Mas como?_ Perguntou Gigi.

_É simples, podemos reunir todos os bichos do mato e dar-lhes a oportunidade de ensinarem aquilo que fazem de melhor e poderão aprender o que não sabem.

_ Boa ideia!_ concordou Leozinho.

_ Se unirmos nossos conhecimentos, seremos invencíveis!_ Concluiu Santcho.

_ Adorei a ideia! Serei a secretária, Leozinho pode ser o diretor e você, Santcho, aceita ser o nosso professor?

_ Aceito!

Gigi se encarregou de comunicar aos animais do mato. Todos se admiraram ao vê-la tão simpática!

Leozinho registrava o nome dos novos alunos, sentia-se como um deles e era mais feliz por isso.

O macaquinho Santcho estava feliz pelo novo rumo que as coisas estavam tomando.

Todos os bichos se reuniam, no fim da tarde, debaixo do grande poilão, para trocarem experiências e aprenderem uns com os outros.

No final do ano, foi aquela festa!

Gigi tornou-se a girafa mais simpática do mato, pois descobriu que tamanho não significava tudo.

Leozinho tornou-se amigo de todos, descobriu que ter força sem sabedoria não fazia dele um rei do mato completo.

Santcho, pequeno e sábio, tornou-se o conselheiro do mato e concluiu:

“Todos têm algo a aprender e todos têm algo a ensinar. Pois não?!”

2.2 Personagens

Santcho é um esperto macaco que sofre zombaria dos outros moradores do mato, a bela girafa Gigi e o forte leão Leozinho. O uso das fábulas (Mi-soso) com animais era muito comum nos ensinamentos nas tribos, eles eram tidos como sagrados.

Alguns povos da Guiné mantinham vínculos com animais, tais como a vaca, a hiena, a onça, alguns répteis como o jacaré ou a jiboia. Algumas plantas e a árvore do poilão em especial, podiam assumir atributos de divindades protetoras e, assim como os animais mereciam respeito e proteção. Por isso, algumas espécies de plantas e animais não eram consumidas, machucadas, abatidas ou mortas. A planta, animal ou objeto ligado à natureza por vezes assumia uma representação ancestral ou símbolo do grupo, protegendo-o e determinando proibições, tabus e deveres particulares. (Leister. 2012. p.144)

O uso de animais no texto evoca a devoção que os Guineenses atribuíam a essas criaturas. Porém, o Mi-soso não era simplesmente o uso de animais em histórias, havia todo um ensinamento moral, ético e reflexivo por detrás dos atos dos animais da narrativa, por isso eram usados pelos mais velhos para ensinar conduta moral aos mais jovens.

Ao iniciar a leitura, nos situamos de que o texto se passa na África. Santcho é o nome em crioulo de uma espécie de macacos, o Santcho Fula é típico das Savanas da Guiné-Bissau, e sua morada, o Poilão, é uma árvore arraigada da cultura do povo Guineense. Com troncos imponentes e de grande porte, o Poilão era considerado sagrado, e sua sombra tida como local de culto, como vemos em:

Os irans² são cultuados nas balobas (santuários, locais de culto, de evocação ou de consulta), e os balobeiros são seus sacerdotes ou intermediários. O local é marcado por uma árvore sagrada, em geral um imponente e secular poilão, de

2. Os irans eram forças espirituais que ligavam o Divino ao humano, faziam a comunicação entre o mundo espiritual e o terrestre.

enormes proporções e que tão bem caracteriza a paisagem africana, árvore de raízes tubulares gigantescas, com seu tronco rugoso e acidentado, esgalhando-se em todas as direções, formando uma copa majestosa, como um imenso abrigo umbroso. (Augel. 2007. p.93,94)

A zombaria dos outros animais ao macaco pode representar, assim como a fábula de Soyinka, os negros que já haviam incorporado a identidade europeia, na qual tudo que fugia de suas asserções era de pouca valia e importância, os europeus eram soberanos, assim como o leão e a girafa eram preeminentes ao resto de todo o mato. Ao convidar a girafa e o leão, para uma roda de conversas, embaixo do Poilão, o sábio macaquinho encontra uma forma de ensiná-los uma lição, por meio do desafio da banana, em que quem conseguisse descascá-la seria o animal mais sábio de todo o mato. Desafio este, aceito de pronto por ambos.

Ao perceberem que não conseguiriam realizar o desafio, mesmo depois de tentarem muito, tanto o leão quanto a girafa, ficaram desapontados, perdendo toda sua altivez. Imediatamente, Santcho pega a banana e a descasca com facilidade cumprindo o desafio.

Eis então o ensinamento: de que adianta a força de Leozinho e a beleza de Gigi quando nenhum dos dois têm sabedoria para usá-las, sendo arrogantes e competindo entre si para serem os melhores do mato?! Santcho os ensinou que todos têm a aprender tanto quanto têm a ensinar, e essa sempre foi a filosofia dos povos africanos, os mais velhos repassando ensinamentos e conhecimentos adquiridos por seus ancestrais. Santcho seria um tradicionalista que carrega a herança oral e elucida-a aos demais animais do mato embaixo da sombra do sagrado Poilão. Ao dizer “[...] podemos reunir todos os bichos do mato e dar-lhes a oportunidade de ensinarem aquilo que fazem de melhor e poderão aprender o que não sabem” Santcho contribui para a manutenção da tradição oral local e à ratificação da sabedoria dos ancestrais.

[...] o gênero das fábulas clássicas, onde os animais assumem o exemplo, o comportamento e a linguagem dos homens. Todas as histórias de animais têm intencionalidade educacional. A estrutura narrativa desenvolve uma linha de sabedoria sutil e mansueta. Nela, os antes humildes e fracos conseguem, pela esperteza e pela astúcia ou pela inteligência, defender-nos dos fortes, arrogantes e dominadores. (Ferreira. 1994. P.214)

O Mi-soso era muito usado para passar ensinamentos, era uma maneira lúdica de transmitir os valores da sociedade aos demais, em que ao final da estória sempre havia um tema a se refletir, levando a uma conclusão moral. Por suas semelhanças estruturais e intencionais, Chatelain classificou o Mi-soso como um tipo de fábula. Percebe-se a intenção das autoras em expor também o Ji-sabu ao findarem a obra com: “Todos têm algo a aprender e todos têm algo a ensinar”, esta foi a lição ensinada aos demais, dando origem a este provérbio intencional.

Nesses termos, o texto em análise conserva a identidade cultural do povo guineense ao elucidar a oralidade africana usando o Mi-soso para levar a uma lição de reflexão sobre a verdadeira sabedoria. O cuidado das autoras em envolver o

leitor no ambiente da obra é feito de uma forma leve que subjaz ao texto, com as referências feitas ao citar o Poilão, árvore sagrada nas tribos, o Santcho, nome em crioulo de um tipo de macaco, e repassar uma reflexão moral com o diálogo dos animais se utilizando de um Ji-sabu (provérbio) no desfecho da obra. Até mesmo a palavra “mato” nos coloca em um lugar diferente, pois intencionalmente não foi usado o termo selva ou savana, tentando preservar ao máximo a raiz identitária africana no discurso literário até mesmo em termos que podem passar despercebidos.

Ao montar a escola do mato os animais simbolizam a transmissão oral, passada de geração a geração. O sábio Santcho e todos os outros contariam sobre suas experiências e aprendizados, estando a verdade, o ensinamento e a reflexão no falar dos que ensinam e no ouvir dos demais.

3 | CONCLUSÃO

O texto analisado tenta trazer um pouco da cultura da antiga Guiné-Bissau sob o viés de duas autoras preocupadas em transmitir e perpetuar a identidade africana. As ideias expressas pelas escritoras nos colocam de volta ao nosso continente, às nossas raízes. Percebe-se isso diretamente na escolha do gênero fábula. Gênero este de íntima relação com a cultura afro. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 129), “a situacionalidade é uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos quanto a seus usuários”, e é pertinente ressaltar a situacionalidade enquanto elemento da textualidade, usada para construção da significação marcante do texto.

Não se pode negar a história de um povo. Um grupo social traz sua identidade em seus costumes, em suas histórias e o presente discurso literário nos guia ao resgate da questão identitária destes, para que esta não sucumba por completo. Obras como esta nos aproximam de um continente o qual estamos atrelados culturalmente. Somos o país com a maior população de origem africana fora da África. Temos o sangue africano em nossas veias, e saber mais sobre nossas origens, buscando nossas ancestralidades é um ato de empoderamento cultural de nossa raça.

As ideias aqui expostas buscam envolver o leitor no contexto de uma época em que uma sociedade foi sucumbida em prol de outra com um complexo de superioridade tão exacerbado que tudo que ousasse ser diferente era simplesmente dissipado. Mas, a cultura desse povo deve e será mantida enquanto existirem autores que transpassem as barreiras culturais do Eurocentrismo, preconizando a cultura negra, e assim como nossos ancestrais, levando-a de geração a geração. Enquanto houver quem repasse a história, ela se manterá viva.

REFERÊNCIAS

AUGEL, M. P. **O desafio do escombros**: Nação, Identidades e Pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2007.

BOUT, N.; GHIURGHI, A. **Guia dos mamíferos do parque nacional de cantanhez**. Ação para o desenvolvimento, Guiné-Bissau, 2013.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: Ed. Edusc, 1999.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FERREIRA, J. **A literatura popular da Guiné-Bissau**. África, n. 16-17, p. 211-218, 25 dez. 1994.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: **História Geral da África**: Metodologia e Pré-História da África. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212.

IBAP - **Instituto da Biodiversidade das Áreas Protegidas**. Página inicial. Disponível em: < <https://www.ibapgbissau.org/> >. Acesso em: 01 de set. de 2018.

LEISTER, C.F. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau**: O boletim cultural da Guiné portuguesa (1946-1973) 2012

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOYINKA, W. **O leão e a joia**. Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arqueologia 180, 182, 191

C

Cinema 91, 92, 94, 95, 96, 97, 103, 104

Conselhos 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 43

Controle social 46

Cultura 5, 15, 25, 28, 35, 36, 91, 104, 105, 119, 120, 123, 144, 180, 189, 190, 191, 192, 231, 264

D

Democracia 5, 31, 33, 38

Desigualdade 47, 56

E

Estado 5, 1, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 24, 26, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 52, 54, 60, 62, 63, 64, 85, 93, 94, 95, 99, 103, 104, 105, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 138, 153, 154, 157, 159, 162, 164, 169, 170, 174, 176, 177, 193, 194, 195, 197, 200, 201, 202, 206, 237, 238, 265, 267, 269, 278, 321

F

Família 57, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74, 321

G

Gênero 5, 39, 47, 56, 67, 73, 114

H

Homofobia 78

I

Identidade 5, 24, 162, 270, 271

Impeachment 15

Informação 35, 88, 232, 233, 242, 243, 244, 245, 247, 258, 259, 260, 295, 305, 308, 315, 319

M

Morte 137, 296, 301

N

Nação 24, 29, 115, 117, 177

Niilismo 304

P

Pobreza 67

Poder 34, 167, 179

Preconceito racial 207

Produção de conhecimento 261

T

Território 5, 155, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166

U

Umbanda 207, 208, 217

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-514-3



9 788572 475143